

APRESENTAÇÃO

“Como tocar então no corpo, em vez de significá-lo ou de obrigá-lo a significar? (. . .). Talvez não se possa responder a este “como?” do mesmo modo que se responde a uma pergunta técnica. O que importa dizer é que isso – tocar no corpo, tocar o corpo, tocar, enfim- está sempre a acontecer na escrita.”

Jean-Luc Nancy, *Corpus*. Tradução de Tomás Maia. Vega: Lisboa, 2000.

Problematizar o corpo nas literaturas de língua portuguesa nos convida, primeiramente, a uma certa cartografia: quem escreve sobre o corpo? E quanto a quem escreve sobre o corpo, de que corpo trata? Estas questões, hoje, em tempos que nos encaminham cada vez mais para uma progressiva dissolução das identidades e dos binarismos, exigem uma análise contínua, uma vez que o corpo – cerne orgânico e linguageiro – se escreve e é escrito por meio de processos variados de mutações através do tempo, do espaço e de outras categorias como gênero, sexualidade, classe, raça/ etnia. Se pudéssemos questionar o nosso Tempo, certamente perguntaríamos: haverá lugar para a fluidez que desejamos? Superar as identidades assegurará um nomadismo ético? O corpo na experiência neoliberal pode ser metaforizável?

Neste sentido, o número da Revista Abril que ora apresentamos ilustra a multiplicidade de abordagens para analisar as variadas representações que o corpo ganha no campo literário. Assim, os onze artigos aqui publicados evidenciam o trabalho de críticos capazes de perceber as mais variadas nuances de representação que aparecem na produção literária portuguesa, angolana e cabo-verdiana, utilizando para isso diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que variam da fenomenologia até os estudos *queer*, passando por análises propostas pela filosofia da diferença e pelos estudos pós-coloniais.

Com efeito, encontraremos neste número uma miríade de questões mobilizadoras, como diferentes modos de compreender, por exemplo, o ser mulher (e a condição feminina), nos textos de Maria Salete Daros de Souza, “O corpo amoroso em *O livro da paz da mulher angolana, as heroínas sem nome: subsídios para leitura*”; Viviane Vasconcelos, “O discurso interrompido e a perversa destruição dos corpos: uma breve análise de dois contos de Lídia Jorge” e Sandra Sousa, “A descoberta de uma identidade

pós-colonial em *Esse cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida”. Pensando nas questões de gênero que enfrentam a lógica do sistema binário na representação do corpo híbrido travestido e na dimensão performática da obra de um escritor tão contemporâneo quanto Al Berto, os artigos de Luciana Marchini e Gustavo Cerqueira-Guimarães procuram evidenciar o quanto as narratividades (ainda que líricas) podem ser capazes de tencionar ou ratificar os cânones da tradição.

Em outra ponta, textos como os de Ana Beatriz Affonso Penna, Aline Duque Erthal e Kigenes Simas pensam a tradição poética portuguesa em tensão com os limites dos corpos das imagens, do Outro e de corpos sagrados em crise, problematizando a produção de Adília Lopes, Ruy Belo e Camões. E, finalmente, os textos de Alessandra Gomes da Silva, Mariana Caser e Marcelo Franz procuram discutir em que medida as narrativas contemporâneas discutem a diferença (através da surdez), a violência ao corpo (por meio da representação de uma cena de estupro) e a precibilidade na condição do envelhecimento.

Com efeito, se conforme nos lembra José Gil (1997) em *Metamorfoses do Corpo*, “o corpo não fala, faz falar.” (p.35), percebemos que há nesta operação a consciência de que o corpo cria uma série de gestos comunicacionais nos quais acabam comparecendo os significantes flutuantes e a conseqüente constituição de cada subjetividade. Textos capazes de mapear corpos únicos, representações singulares, portanto, era o que desejávamos compreender no gesto autoral de cada poeta, de cada escritor(a) que já tivesse problematizado as muitas versões das escritas em que o corpo evoca(ria) uma outra/nova escrita ou convocaria para o papel ou a tela em branco uma crise capaz de provocar outras leituras e agenciar, por fim, novas mobilizações.

Fechando este número da Revista Abril, uma importante entrevista com Dulce Maria Cardoso realizada por Bruno Mazolini de Barros, em que se destacam a percepção da memória, a continuidade das personagens e a reverberação da obra da exímia narradora em outros países. Por fim, a resenha de Elizabeth Dias Martins sobre o livro de António Valdemar constituído pelas entrevistas de Almada Negreiros em que o “escritor-artista” reflete sobre o tempo, o cânone e sobre os temas fundamentais de sua obra.

Esperamos, neste gesto de ter solicitado que os corpos autorais fizessem a escrita falar, que as leituras sejam proveitosas e o número possa ter operacionalizado alguma cartografia sobre o corpo e seus limites no contexto das literaturas de língua portuguesa.

Boa leitura!

Niterói, junho de 2017

Tatiana Pequeno

Mark Sabine